

NIETZSCHE E O “AMOR SOLIDÁRIO”: UMA CRÍTICA À LÓGICA DE EXCLUSÃO

Euler Renato Westphal*

INTRODUÇÃO

Atualmente, em algumas abordagens bioéticas, critica-se a compaixão piedosa como sendo um instrumento de poder e dominação exercido por aqueles que assistem o pobre. Critica-se, outrossim, o assistencialismo, constatando-se que essa compaixão piedosa leva a uma relação de escravidão, pois o objeto de caridade, que é o pobre, sempre permanece em dívida com o seu benfeitor, que o oprime com os seus gestos de bondade. O virtuoso se engrandece na medida em que ele é caridoso no horizonte do espetáculo da miséria que se apresenta. O interesse hedonista encontra-se nas boas obras como um meio de autopromoção.

O pobre e o doente são sufocados pelos gestos de generosidade, como a esmola descompromissada. Isso não deixa de ser uma crítica apropriada que denuncia a instrumentalização do pobre em benefício daquele que exerce poder e necessita da pobreza para se manter no poder e usufruir de privilégios, a exemplo da esmola, da cesta básica em tempos de eleições e de ações assistencialistas. Muitas vezes, essas ações têm por objetivo acalmar a consciência e, por outro lado, perpetuar o pobre e a pobreza para assegurar a existência de uma população subserviente, que trabalha duro para manter os privilégios de uma minoria dominadora.

Entretanto, é inquietante perceber que, algumas vezes, o referencial para a análise da realidade e a proposta da solidariedade sejam derivados de uma filosofia que elimina o amor e a misericórdia. Busca-se a solidariedade como instrumento de simetria de interesses com os desafortunados,

universalizando a dignidade humana. Entendemos, porém, que a recepção que se faz da filosofia de Nietzsche pode ser extremamente perigosa.¹

NIETZSCHE E A SOLIDARIEDADE HUMANA

A partir de Nietzsche, propõe-se a eliminação, da patética lógica do amor e da piedade. A solidariedade seria condição necessária para que a miséria e o sofrimento fossem superados tecnicamente. Será que sua proposta de solidariedade deveria ser inscrita no interior da lógica empirista, na qual o agir ético é determinado pelos resultados técnicos que eles proporcionam? As relações humanas seriam vistas a partir de uma perspectiva mecânica? Em que medida a ética de Nietzsche poderia contribuir para a solidariedade humana?

A proposta de eliminação da dimensão do amor e da compaixão é igualmente encontrada na lógica da modernidade, especialmente na cultura da exclusão por meio da afirmação do poder. A vontade de poder de Nietzsche se mostra como exploração do saber sobre a natureza, da dominação do forte sobre o fraco. A *hybris* (prepotência) do “Übermensch” (super-homem) transportou o saber para o âmbito do poder. A esperança de uma vontade autônoma foi transformada em ameaça apocalíptica. A perspectiva de salvação para a humanidade a partir da lógica mecanicista da modernidade – que excluiu todas as possibilidades de afeto e respeito pelas coisas –, foi convertida em desesperança e ameaça apocalíptica.² Aliás, o *cogito, ergo sum* de Descartes foi transformado por Nietzsche em *volo, ergo sum* – “quero, logo existo”. Será que a ética do “Übermensch” (super-homem) de Nietzsche favorece uma ética da solidariedade?

A solidariedade do “Übermensch” consiste no abandono do amor ao próximo e na opção por aqueles que ele mesmo escolhe, os que lhe são simpáticos. Expressa-se, assim, um processo de seleção e de exclusão. Entretanto, o *sym-pathos*, etimologicamente, significa compaixão, que é aquilo que alguns rejeitam. Aliás, o “Übermensch” de Nietzsche não é um super-homem, mas é o homem que está além do bem e do mal, do certo e do errado, do

* Euler R. Westphal é doutor em Teologia e História, diretor e professor de Ética na Faculdade Luterana de Teologia-FLT-MEUC (CETEOL), e professor de Bioética e Antropologia nas Faculdades de Odontologia e Medicina da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), em Joinville, S.C.

¹ Referimo-nos ao artigo de Sandra CAPONI, “Da compaixão piedosa à solidariedade”. *Conselho Federal de Medicina*. Abril de 1999. Página de “Bioética”. pp. 8-9. Veja também Débora DINIZ, *Conflitos morais e Bioética*. Brasília: Débora Diniz, 2001. p. 211.

² Cf. Hans JONAS, *Das Prinzip Verantwortung*. 17 ed. Frankfurt Meno: Insel Verlag, 1995. p. 253.

ódio e do amor, da vida e da morte, ou seja, é um “Übermensch” que vive radicalmente o vazio. Por isso, ele precisa viver heroicamente a sua solidão e assumir o lugar de Deus, porque os céus estão vazios: Deus morreu.³ Para ele, bom é tudo aquilo que promove o sentimento de dominação e a afirmação do poder, subjugando os outros.

Em Nietzsche – ao contrário do Marxismo, que tinha uma perspectiva utópica de liberdade e justiça universal e futura –, encontramos o desprezo por qualquer perspectiva de justiça social e igualdade universal. Este não oferece nenhum tipo de alternativa ao ideário marxista de fraternidade universal.⁴ Na solidariedade de Nietzsche, não há espaço para o fraco, o pobre, o miserável, pois o bem é determinado pela vontade do mais forte, aquele que transcende os limites da condição humana. Fica evidente que nessa lógica, o amor é um mal a ser superado e a compaixão um vício a ser combatido. Tanto é assim que “no fim todas as tuas paixões transformaram-se em virtudes e todos os teus diabos em anjos.”⁵

Além disso, a prioridade é dada ao homem sadio: “é preferível que ouçam, meus irmãos, a voz do corpo saudável: essa é uma voz mais honesta e limpa.”⁶ A inversão de valores de Nietzsche conhece a justificação da violência: “Meu irmão, guerra e batalhas são más? Mas esse mal é necessário; necessárias são a inveja e a desconfiança e a difamação em meio às tuas virtudes.”⁷ Portanto, na lógica de Nietzsche o homem é um ser que deve ser superado pelo super-homem. O amor deve ser eliminado por meio de uma batalha impiedosa, pois o super-homem transcende o amor. Em lugar do amor ao próximo, Nietzsche ensina o amor ao que está distante. Esse é o homem superior que a própria natureza criará. Esse homem superior ainda não pôde ser gestado, porque a moral foi um entrave para o processo de crescimento. Nesse sentido, Nietzsche diz: “Os fracos e malsucedidos devem ser eliminados – essa é a primeira sentença do nosso amor ao próximo.”

Parece que se desconhece o impacto da ética da “vontade de poder” de Nietzsche sobre a Europa nas duas grandes Guerras Mundiais. Entre outros fatores sócio-políticos, a filosofia de Nietzsche foi fundamental para a implementação da eugenia no regime de Hitler. A ideologia imperialista da

Alemanha teve sua inspiração no pensamento de Nietzsche. A obra *Assim falou Zaratustra* foi o livro de bolso que acompanhou os soldados alemães na primeira guerra mundial.

Os escritos de Nietzsche fomentaram o nihilismo, glorificaram o poder do forte, exaltaram a eliminação do fraco e do doente. Além disso, a vontade de poder como filosofia e práxis de vida foi um elemento fundamental incutido na consciência de milhões de pessoas. A biografia de Nietzsche nos mostra a contradição entre a sua história pessoal – marcada pela doença e o sofrimento –, e o anúncio profético do “Übermensch”, que vence a batalha titânica contra todo o sofrimento e a fraqueza humana. Do interior do seu sofrimento, ouvimos a frase lapidar, dizendo: “Não poupe o teu próximo, a pessoa humana é alguém que deve ser vencida.”

Portanto, o egoísmo é o instinto primordial do ser humano e é isso que deve ser obedecido. A compaixão, para Nietzsche, é uma forma de degeneração dos instintos do poder egoísta, que é a potência para o “Übermensch”. A “revolução dos escravos” – que encontramos no cristianismo do Novo Testamento – teria sido um processo histórico de degeneração da raça européia, pois teria privilegiado a ascensão do fraco, do doente, do homem inferior. Segundo Nietzsche, o problema do Ocidente é que a mensagem de Cristo privilegiou a moral dos escravos, que buscavam a libertação das opressões sócio-políticas e religiosas. Na medida em que se privilegia o fraco, o forte é inibido de assumir o seu lugar na história como vencedor. Este é predestinado a assumir a sua condição, que é o domínio, sem escrúpulos, sobre os fracos.

RELAÇÃO DA SOLIDARIEDADE DE NIETZSCHE COM A BIOÉTICA

É inquietante que essa proposta filosófica seja publicada acriticamente, e sem possibilidade de uma réplica, numa revista que privilegia a ética da vida.⁸ Historicamente, a bioética está preocupada com as ameaças contra a vida por meio das tecnologias, ou seja, a bioética está voltada aos graves problemas que a vontade de poder e de dominação da ciência moderna exercem sobre a humanidade e os ecossistemas. Assim, a vontade de poder – que

³ Cf. Friedrich NIETZSCHE. *Also sprach Zarathustra*: Ein Buch für alle und keinen. 3. ed. Augsburg: Goldmann Verlag. 1981. p. 11.

⁴ Cf. Hans JONAS. *Op. Cit.* p. 280.

⁵ Friedrich NIETZSCHE. *Also sprach Zarathustra*. p. 31.

⁶ *Ibid.* p. 28.

⁷ *Ibid.* p. 31.

⁸ A revista do Conselho Federal de Medicina, na página “Bioética”, abril de 1999, publicou um artigo com esse conteúdo escrito pela professora, doutora em Filosofia, Sandra CAPONI, da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulado “Da compaixão piedosa à solidariedade”.

na modernidade ocidental está ligada ao saber como instrumento de poder –, trouxe uma crescente exclusão dos pobres e a violência contra o meio ambiente como projeto de dominação. A Bioética surgiu, em especial, no início dos anos 1970 com o objetivo de diminuir a exclusão social, inserindo os pobres e as minorias na discussão que trata da vida na sua totalidade.

Há uma preocupação com o horizonte sombrio que a racionalidade instrumental gerou com sua opção pela exclusão do fraco em favor do narcisismo do poderoso, que se realiza no sucesso, na riqueza, na beleza, isto é, nos seres eugenicamente perfeitos. Essa experiência foi feita nos campos de concentração de Hitler – que foram laboratórios de experiência genética⁹ –, bem como em alguns hospitais e em muitos institutos de pesquisa norte-americanos.

Lembremos que a pergunta pela bioética parte de situações limítrofes. A preocupação com a bioética se densifica em 1962, com um artigo “Eles decidem quem vive e quem morre”¹⁰. Esse artigo fala do comitê de Seattle, que tinha como objetivo selecionar pacientes para a hemodiálise, pois havia mais pacientes do que a capacidade disponível de máquinas. Um pequeno grupo de pessoas “escolhia” quem teria acesso à máquina salvadora e quem seria rejeitado. Quais teriam sido os critérios: Personalidade? Família? Situação financeira? Idade? Nos E.U.A., tomou-se consciência, nos anos 1960, da discriminação como um problema social. Os médicos passaram a partilhar poderes com os leigos para decidir sobre a vida e a morte de seres humanos. O que era prerrogativa do médico passou a ser compartilhado com representantes da comunidade civil.

Nesse sentido, os teólogos e filósofos deram uma contribuição fundamental para o debate. Dois teólogos foram muito importantes nesse processo, Joseph Fletcher, um inglês da Igreja Anglicana, que escreveu *Moral and Medicine* em 1954.¹¹ Em 1970, Paul Ramsey escreveu *The Patient as Person*. Albert Jonsen – importante bioeticista, que defende o modelo casuístico na Bioética – diz o seguinte: “Se pensássemos a bioética como uma disciplina acadêmica antes que um movimento popular, deveríamos escolher um trabalho científico como sua origem, e tal trabalho certamente seria o livro de

⁹ Cf. Bernardo BEIGUELMAN. Genética e Ética. In: L. PESSINI; C. de PAUL DE BARCHIFONTAINE. *Fundamentos de Bioética*. São Paulo: Paulus. 1996. pp. 108-123.

¹⁰ Cf. Warren REICH. Como surgiu o neologismo Bioética? In: L. PESSINI; C. de PAUL DE BARCHIFONTAINE. *Problemas atuais de Bioética*. 3a. ed. São Paulo: Loyola. 1996. p. 14.

¹¹ Cf. Albert R. JONSEN. O nascimento da Bioética. In: L. PESSINI; C. de PAUL DE BARCHIFONTAINE. *Problemas atuais de Bioética*. 3a. ed. São Paulo: Loyola. 1996. pp. 20-21.

Ramsey.”¹² Assim, a bioética preocupa-se com os riscos da arbitrariedade da razão analítica e instrumental, aplicada às pesquisas biomédicas. Além do problema da diálise em Seattle, veio à tona a questão da pesquisa com seres humanos. Estava enganado quem pensou que as experimentações de Buchenwald e de Dachau não se repetiriam.

Nas primeiras décadas do século passado, nos Estados Unidos, muitos pesquisadores – a exemplo de Charles Davenport, presidente da Federação Internacional dos Organismos de Eugenia – queriam proteger a população branca de uma poluição genética pelos negros, poloneses e italianos. Pensava-se haver uma predestinação genética. Segundo Davenport, em decorrência disso, o perfil sócio-cultural dos pobres, dos negros, dos fracos seria francamente desfavorável. Dessa forma, as políticas sociais seriam inúteis, pois não reverteriam a situação das populações inferiores, por causa do seu condicionamento genético inferior.¹³

Como consequência disso, a solidariedade sem amor, sem misericórdia, é reduzida a ações pragmáticas, instrumentalizando o ser humano, excluindo os fracos. A imagem do homem-pequeno-grande-deus de Nietzsche elimina os espaços e as condições para que o fraco tenha direito à existência. Teríamos uma solidariedade entre os Alfa-Maior, que são os seres privilegiados, diferentes dos Ypsilons, os seres inferiores, criados em laboratório, do *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley (que é uma crítica à ciência como poder do “Übermensch”, homem-grande-deus).

Essa solidariedade privilegia os que são simpáticos ao “Übermensch”. Portanto, haveria uma solidariedade entre iguais. Todavia, trata-se de uma compaixão excludente. De fato, na melhor das hipóteses, essa solidariedade seria compreendida como uma troca de favores entre interessados, como uma forma de contrato social entre seres humanos superiores. Essa lógica exclui relações altruístas, pois essas se caracterizam pela relação de um receptor com um doador, como gratuidade e incondicionalidade nas relações humanas. Entretanto, segundo Nietzsche, essa seria a moralidade dos escravizados, dos inferiores, e não dos homens superiores.

A questão da doação de órgãos é muito importante nesse contexto.¹⁴ A

¹² Albert R. JONSEN. O nascimento da Bioética. *Problemas atuais de Bioética*. 3a. ed. São Paulo: Loyola. 1996. pp. 16-25.

¹³ Cf. François JACOB. *O rato, a mosca e o homem*. São Paulo: Comp. das Letras. 1998. pp. 119-124; 150. Cf. Jeremy RIFKIN. *O Século da Biotecnologia*. São Paulo: Makron. 1999. pp. 123-133.

¹⁴ Cf. Volnei GARRAFA. Respostas éticas ao mercado de órgãos humanos: doações, pesquisa e prevenção. In: L. PESSINI; C. de PAUL DE BARCHIFONTAINE. *Fundamentos de Bioética*. pp. 207-209.

lógica da exclusão está presente nos transplantes renais, por exemplo. As mulheres são preteridas e os homens favorecidos, os brancos têm primazia sobre os negros, os ricos sobre os pobres e os jovens tem prioridade sobre as pessoas idosas. Esse problema é tão sério que “há denúncias de privilégio de jovens em alguns centros de transplantes, com o único intuito de melhorar estatísticas clínicas, objetivando a manutenção de financiamentos aplicados nos programas.”¹⁵

Giovanni Berlinguer, importante cientista e ex-senador da república italiana, e Volnei Garrafa, professor da Universidade de Brasília, criticam a equivalência entre corpo e mercadoria proposta pelos filósofos John Harris e M. Lockwood, que sustentam que a compra e venda de órgãos humanos é eticamente sustentável.¹⁶

Uma corrente filosófica entende que fetos, portadores de deficiência mental e idosos sem consciência poderiam ser usados em experiências ou até mesmo eliminados. De acordo com essa corrente, animais “superiores” – aqueles que tem um código de linguagem, como gorilas, chimpanzés, cães e gatos –, devem ser considerados pessoas. Seres humanos que não estão conscientes, tais como portadores de deficiência mental, não deveriam ser considerados como pessoas. Portanto, poderiam ser eliminados.

A questão da solidariedade excludente está sendo debatida no Reino Unido. Um hospital de Sheffield aceitou a condição de que um rim somente poderia ser transplantado em uma pessoa de cor branca.¹⁷

A pergunta fundamental aqui é sobre a nossa experiência atual como seres humanos. Como o ser humano é visto em nossos dias? A indagação a respeito da dignidade humana vem à tona, de forma especial, no início do presente milênio, pois, existem questões diretamente ligadas à sobrevivência da humanidade, e as respostas para essas questões são totalmente imprevisíveis. A questão da dignidade da vida humana está sendo ligada, por parte de vários filósofos e cientistas, diretamente à utilidade para o mercado e à qualidade de

vida, ou seja, a vida humana é digna na medida em que ela traz algum benefício para a sociedade e para o mercado. Nesse contexto, o prazer e a ausência de dor passam a ser critério fundamental para a compreensão da dignidade humana.¹⁸

Essa discussão é atual na medida em que o Código de Nuremberg e a Declaração de Helsinki – que garantem a melhor tecnologia disponível para todos os povos em todos os pontos geográficos – são substituídos pela aplicação da melhor tecnologia disponível em um determinado país.¹⁹ Os países pobres ficam alijados dos melhores tratamentos para a sua população, pois não têm acesso aos melhores recursos disponíveis da comunidade científica internacional. Isso significa que as sociedades pobres não têm acesso aos protocolos médicos dos países ricos. Concretamente, segundo a lógica da Associação Médica Mundial, influenciada pelos Estados Unidos, não utilizar o AZT no tratamento de gestantes soropositivas nos Estados Unidos seria eticamente reprovável. No entanto, seria uma decisão ética correta se as gestantes em países africanos não recebessem o tratamento com AZT, pois “o melhor método diagnóstico profilático ou terapêutico” nos Estados Unidos – segundo a proposta da Associação Médica Mundial – não estaria mais disponível para elas.²⁰

A GLOBALIZAÇÃO DA SOLIDARIEDADE DE NIETZSCHE

A recepção que se faz de Nietzsche não é nova. Muito pelo contrário, esses referenciais estiveram presentes, em especial, nas políticas eugênicas e na engenharia genética, que produziram os seus primeiros manuais nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, tanto na Europa como nos Estados Unidos. Atualmente, há uma tendência de privilegiar a formação da elite americana, eliminando a ajuda às mães pobres a criar os seus filhos. Segundo o pensamento eugênico, a assistência social contribuiria para a perpetuação de seres inferiores. Conforme a filosofia eugênica, os negros e po-

¹⁵V. GARRAFA. Respostas éticas... *Fundamentos de Bioética*. p. 211.

¹⁶G. BERLINGUER; V. GARRAFA. *O Mercado Humano: Estudo bioético da compra e venda de partes do corpo*. 2a. ed. Brasília: Univesidade de Brasília, 2001. pp. 161-182. No contexto da comercialização de órgãos, H. T. Engelhardt Jr. diz: “Dado que vender-se livremente a uma outra pessoa não comporta uma violação do princípio de autonomia, essas trocas, com base em tais princípios, deveriam fazer parte do círculo protegido da *privacy* dos indivíduos livres.” H. T. ELGELHARDT Jr. *Apud* G. BERLINGUER; V. GARRAFA. *O Mercado Humano: Estudo bioético da compra e venda de partes do corpo*. p. 175.

¹⁷Cf. Sylvia COLOMBO. Reino Unido tem ‘transplante racista’. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 8 julho 1999. Caderno Mundo. p. 12.

¹⁸Peter SINGER. *Ética Prática*. 2a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998 [1993]. p. 399. Gottfried Brackemeier aborda a questão da dignidade irrestrita do ser humano a partir da teologia de Lutero, diferentemente das considerações da tradição calvinista secularizada anglo-saxã, que prioriza a visão utilitarista. Ver: Gottfried BRAKEMEIER. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 220.

¹⁹Cf. *Revista Conselho Federal de Medicina*, fevereiro 2000. pp. 22s.

²⁰Cf. Debora DINIZ. *Revista Conselho Federal de Medicina*. fevereiro 2000. pp. 8s.

bres teriam genes ruins contra os quais nada se pode fazer até o momento. É como se houvesse um código genético que determinasse o destino das pessoas.

Essa idéia da solidariedade também está presente no ideário neoliberal, que prioriza a maximização do lucro e a concorrência no mercado. O lucro e a solidariedade da eficácia do mercado seriam regulamentados pelo equilíbrio dos egoísmos, como virtude coletiva. Essa solidariedade, segundo Michel Camdessus, ex-diretor-geral do F.M.I. (Fundo Monetário Internacional), é construída por meio das tensões da competição. Segundo ele, essa solidariedade deve ser vivida no mercado e na mundialização, que cria uma massa de excluídos – o segmento desinteressante da sociedade –, em benefício de uma minoria, as pessoas superiores, que têm acesso à solidariedade e à partilha do mercado. Ou seja, a solidariedade de exclusão do fraco e inclusão dos seres superiores – que por nós é vista como uma perversão –, é, para a lógica do mercado, expressão de bondade e de compaixão.

Segundo essa racionalidade, o processo histórico exige sacrifícios necessários: seres superiores se beneficiam dos sacrifícios da população desinteressante para o mercado.²¹ A cartilha do Banco Mundial fala a linguagem da solidariedade de maneira muito parecida com aquela apresentada pela lógica da solidariedade de Nietzsche. A solidariedade sem coração, sem afeto, transforma o ser humano num objeto a serviço da razão instrumentalizada, aprofundando o fosso entre ricos e pobres, distinguindo as populações interessantes das desinteressantes. As reflexões bioéticas devem ter em mente que a solidariedade instrumentalizada é um veredito de exclusão, que se transforma em uma ameaça radical aos seres humanos fragilizados.

CONCLUSÃO

Nesse contexto, é necessário falar de uma solidariedade abrangente, que propõe uma ruptura com o assistencialismo e a compaixão paternalista que reduz o outro a um meio para satisfazer as próprias ambições, mesmo na forma de um imposto para a pobreza. Também o projeto do governo brasileiro “Fome Zero” corre esse mesmo risco. Entretanto, o amor solidário não acontece entre os fortes, os capazes e os mais aptos, mas se mostra com o outro fragilizado e destituído de direitos e aptidões. A solidariedade deve privilegiar o amor que se movimenta em direção ao outro como um ser diferente, com sua identidade e história. O amor solidário, como ação libertadora,

tem sua raiz no amor incondicional de Deus, revelado na encarnação e cruz de Jesus Cristo, em favor dos seres humanos. Nietzsche, teólogo luterano, conhecia muito bem a dimensão da palavra do amor incondicional de Deus que justifica gratuitamente todos os seres humanos indistintamente.

No entanto, o amor gratuito foi transformado em vontade de poder de destruição dos fracos e afirmação daqueles que apresentam os méritos do poder. No amor incondicional, o rosto do outro se revela pela palavra solidária e por meio das coisas concretas do mundo. A dimensão do outro, da alteridade, é fundamental no processo de inclusão dos excluídos pelo mercado, pois o amor trabalha com a incondicionalidade e a gratuidade sem esperar nada, muito menos favores, em troca dos benefícios de solidariedade. O importante filósofo Emmanuel Levinas denomina isso de “a gratuidade total da Ação”²²

A Reforma luterana lançou a sua crítica contra o hedonismo da piedade medieval, que buscava fazer as boas obras de caridade para conseguir se autopromover diante de Deus e da Igreja, conquistando a absolvição dos pecados presentes e futuros. Lutero denunciou isso como total impossibilidade, pois o ser humano é amado por Deus gratuitamente e não pela instrumentalização do pobre para conquistar o Reino de Deus. Essa lógica da caridade cria dependências entre os favores do homem prestados para com Deus. Do mesmo modo, Deus teria a obrigação de recompensar as pessoas. Essa espiral estende-se na relação entre os homens: retribui-se o que se recebeu do outro. A lógica retributiva paga com benefícios ou malefícios, segundo o que se tem recebido. Há, assim, uma dependência de favores. Mas, a gratuidade radical que vem de Deus rompe com a lógica da piedade hedonista, pois se faz o bem a todos indistintamente, independentemente dos méritos ou virtudes que alguém possa apresentar.

A Teologia da Libertação latino-americana tem tratado exaustivamente essa questão e ensaiou uma proposta de mudança, colocando o pobre como o sujeito de sua própria libertação, transcendendo o círculo vicioso da prática da esmola. A gratuidade é uma dimensão na qual avista-se a totalidade da existência humana, buscando transformações históricas, como a libertação do oprimido e a superação da exclusão imposta pela sociedade regida pelos fortes. Assim, gestos solidários vêem o homem e a mulher concretos, como seres históricos. Essa dimensão ética tem seu fundamento no amor incondicional de Deus pelos seres humanos, o que foi recusado pela teologia da lei do mais forte de Nietzsche e do mercado.

²¹Cf. Jung MO SUNG. *Desejo, Mercado e Religião*. Petrópolis: Vozes. 1998. pp. 30-35.

²² Emmanuel LEVINAS. *Humanismo do outro Homem*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 53.